

VIDA-OBRA DE CARLOS & CARLOS SUSSEKIND: ENTREVISTA

Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC)

Em 09 de março de 1989 defendi minha dissertação de mestrado intitulada: "O diário da loucura: estudo intertextual de **Armadilha para Lamartine**". O livro estudado, de Carlos & Carlos Sussekind, apresenta dois diários que se cruzam: do pai e do filho. Impossível separar a co-autoria do pai da co-autoria do filho. O pai é autor-personagem do segundo diário e o filho, autor-personagem do primeiro, no entanto, há um processo de fusão entre os diários (um diário dentro de outro). O diário do filho inicia na 2^a. metade do diário do pai, são acontecimentos que o pai não registrou. Além disso, o diário do pai pode estar inserido no diário do filho, escrito por ele (por telepatia), como se fosse o próprio autor. Tudo parece um jogo de identidades: o autor ficcional dos diários – o narrador – ora se esconde na voz de uma personagem, ora de outra, ora é o diário, ora é o próprio leitor a desvendar as armadilhas da situação em que se encontra. Este livro, segundo Ana Cristina César, "tem a finalidade de nos virar a cabeça silenciosamente, com discreta malícia e humor, com impecável mansidão, e nos lançar num poço sem fundo". Por sua inegável qualidade mereceu (já tardia) uma 2^a. edição (Brasiliense, 1991).

Uma das partes de minha dissertação que se destacou foi a entrevista que Carlos Sussekind (filho) me concedeu a 08 de outubro de 1987, no Rio de Janeiro. Passo, agora, a relatar seus pontos mais importantes.

L. – *Seu nome completo é Carlos Sussekind de Mendonça Filho. Por que você usou Carlos & Carlos e tirou o Mendonça na autoria do livro **Armadilha para Lamartine**?*

C.S. – Eu usei Carlos & Carlos porque o livro partiu dos diários de meu pai Carlos Sussekind de Mendonça (por isso a co-autoria). A razão de eu ter tirado o Mendonça do nome foi para disfarçar, para impedir a identificação dos personagens – pai e filho.

I. – *Carlos Sussekind, de onde você é? Quando nasceu? O que ou quem teria despertado em você o interesse pela criação literária?*

C.S. – Nasci aqui no Rio, em 1933. E quem me despertou o interesse pela criação literária foi meu pai, não tenho a menor dúvida. Só você ver uma pessoa sentar-se três vezes por dia para escrever alguma coisa, retomando o mesmo fio ("como eu dizia"). O primeiro romance que eu li deve ter sido esse diário em que a gente (eu e minha irmã), inclusive, esperava encontrar muitas situações inconfessáveis, e não era nada disso, ele era muito hábil, muito prudente, o que houvesse de inconfessável decididamente não estaria no diário.

I. – *E os seus estudos? E a sua infância? Tiveram alguma influência sobre a sua escrita? Sobre o diário?*

C.S. – Fiz o curso médio no Colégio Andrews e iniciei o curso de filosofia, como consta no diário de Espártaco M., porém abandonei já no segundo ano. Desde criança sempre li muito. A minha grande paixão era Monteiro Lobato. Emília era como um segundo eu, um alterego, eu adorava. Tive o prazer de acompanhar os lançamentos, saía correndo para ir ver as novas aventuras de Emília. Foi o escritor que eu li mais completamente, com a sofreguidão de esperar as novidades.

I. – *E o relacionamento da sua família? Como você vê o papel da família na sociedade burguesa? Naquela sociedade em que convivem as suas personagens do livro *Armadilha para Lamartine*? Sua família era burguesa?*

C.S. – Era burguesa, de classe média com perfumes de intelectualidade e cultura, aquela coisa toda... Inclusive hoje há uma diferença muito grande no relacionamento com minhas filhas. Naquela época foi possível haver um conflito entre meu pai e eu – com muita agonia – (aquilo que está no livro), nós discutíamos, mas com um padrão comum: os dois em termos de literatura. Hoje, de saída, minhas filhas, uma delas mais que a outra nem admite o interesse absorvente pela literatura, o que os dois admitíamos. Nós partíamos para ver quem estava sendo mais leal, mais veemente com a literatura. Escrever um livro era uma coisa natural, eu também achava. Então eu também podia compreender essa coisa estranha, que eu estou sempre falando, de meu pai sentar-se três vezes por dia para escrever o diário. Achava tudo aquilo apaixonante. Escrever é apaixonante. Isto é exemplo de como a família funcionava. As

desarmonias ainda estavam muito harmônicas. O filho rebelde era um rebeldezinho muito vagabundo, porque estava jogando o mesmo jogo do pai. Hoje é completamente diferente, para você mostrar o papel da literatura, a sua importância, porquê escrever um livro – é um abismo. Hoje se tenta fazer uma crítica forte. O filho critica tudo o que o pai representa, a sua geração. Hoje as minhas filhas não admitem ficar num sábado à noite em casa lendo, o que a gente admitia normalmente. Essa comunicação com o livro ficou diferente. Esse prazer de ler um livro parece que não existe mais.

I. – *Afinal, o que é literatura para você?*

C.S. – Durante muito tempo foi tudo. E hoje ainda é. É vida mesmo. É vida assim no mais alto grau. E por isso mesmo é muito contestado. O pessoal mais jovem acha loucura você transformar em vida uma coisa que não é. Mas é, realmente. É uma possibilidade de vida muito mais intensificada, concentrada, mais sentida. Literatura não é necessariamente um livro escrito, não é aquela admiração meio fetichista por um livro escrito, é o prazer da narrativa realmente, contar em qualquer lugar qualquer coisa e ter prazer de contar é saborosíssimo. É literatura.

I. – *Vamos agora partir para o romance em si – Armadilha para Larmartine. Você me falou que partiu dos diários de seu pai, contendo 30 mil páginas, escrito ao longo de 30 anos.*

C.S. – Exatamente, confirmo. O diário todo vai de 39 a 68.

I. – *Eu gostaria de saber como esses diários eram e qual a modificação que ocorreu neles para a efetiva publicação? No livro passa-se de outubro de 1954 a agosto de 1955 – não dá um ano exatamente.*

C.S. – Foi usado material verdadeiro não só desse período como também sempre que eu achava que dava para realçar mais uma determinada situação, contrastar, usando material de outras datas – como conversa de bonde que podiam ter-se dado em 54 – como em 52 ou efetivamente em 60 – coisa assim, evitando também sair muito, pois o contexto podia não ficar apropriado.

Eu me sinto às vezes um pouco culpado de muita coisa que eu coloquei na boca de meu pai – ele diria aquilo – eu tenho certeza, mas na verdade não disse. Por exemplo, uma das minhas invenções foi a palavra "varandola", meu pai usava varandinha, mas varandola parece que denota mais felicidade, é um sonho, um

espaço e "varandinha" parece uma coisa pequena, sem importância.

Dessas substituições há milhares delas, eu acho que tive mais tempo para encontrar a palavra certa. E foi-se estruturando essa ligação com os dois textos – que não é um conflito de gerações, mas uma duplicidade – eu assumindo a personalidade dele para escrever como ele, me descrevendo.

Outro fato foi quando eu insinuei que meu pai havia riscado uma palavra para não se denominar um louco (AL - p.298). Ele nunca riscou palavra alguma no diário, nunca teve nenhum arrependimento.

Tudo isso são exemplos de como você pode mexer em coisas pequenas para ficar mais próximo dele.

L. – *No artigo "Réquiem para a aquarela do Brasil" Luiz Costa Lima aborda o aspecto dos dois diários (do pai e do filho) pertencerem a um só, ao filho. Eu, particularmente, senti este problema. Tudo parece ser dito do ponto de vista do filho como se o diário do pai fosse o "Diário do Espártaco" inventado no sanatório, pelo filho. Isto foi proposital?*

C.S. – A intenção foi fazer passar fatos reais por imaginários – para não comprometer ninguém. De repente virou uma brincadeira fazer uma coisa real fingindo que é irreal o tempo todo.

A história da telepatia em que o filho finge que está lendo o diário do pai foi toda inventada por mim, para que o leitor possa se interessar mais pelo diário do pai, e quem sabe, como você me colocou, até ler pela perspectiva do filho. Ainda mais que o leitor nunca vê o filho a não ser através do pai. Podia imaginar que tudo isso estava sendo simulado.

L. – *Há a idéia também de morte proposital do pai nisso tudo, daquele pai castrador. Há momentos em que a gente percebe que o filho gostaria que o pai não existisse.*

C.S. – Ah, sim, é possível, mas te garanto que essa idéia não foi proposital.

L. – *No meu entender Armadilha para Lamartine não visa somente armadilhas para a personagem Lamartine, mas, e especificamente, para o leitor. Isto foi proposital?*

C.S. – Isto já foi uma jogada editorial com Hélio Pellegrino, pelo prefácio dele eu deduzi que poderia ser uma armadilha para o leitor e foi assim que fizemos.

Há armadilhas sim, umas intencionais, por exemplo: esse diário jamais seria lido se começasse pelo diário do pai – "o dia está enferrujado...". Por isso joguei aquela coisa inicial meio confusa, meio extremada; há aí uma armadilha cruel, porque acabadas aquelas vinte e poucas páginas entra um dia-a-dia cinzento, com pequenas tarefas e o leitor sempre achando que isso é só uma preparação, mas passam-se cem, duzentas páginas e termina assim. O leitor fica esperando uma volta daquele clima que de certo modo volta, a figura do pai vai tendo algumas transformações, eu forço um pouco as transformações para chegar ao drama.

Outra armadilha seria essa: eu fazia uma figura de meu pai amorosa e a repercussão foi outra, de um pai controlador, autoritário. Não sei quem caiu nessa armadilha, se eu ou se o leitor.

L – E qual seria a armadilha para Lamartine?

C.S. – É o diário do pai, realmente. É o fascínio do diário do pai, é a literatura, o aprendizado da literatura.

A armadilha é armada dia-a-dia, a conta-gotas, pedacinho a pedacinho, para se cair fatalmente. É aquela coisa montada. É a sedução de ver o dia-a-dia, de repente num papel, analisado naquela sequência. É a vida mesmo. Volto a dizer a literatura para mim é vida, é esse diário mesmo, essa armadilha irresistível. É ver a nossa vida ali, registrada. Por isso a estupefação do pai ao conhecer no sanatório um amigo de Lamartine que era totalmente desconhecido por ele, que ele não teve notícias (Galocha), que não estava registrado no diário, como se de repente só pudesse existir aquilo que o diário tivesse registrado; ou seja, o diário é que dá vida às coisas. O que não está no diário é desconcertante e aquele cara, então, poderia ser a chave da doença de Lamartine que o pai não pode controlar por não ter aquele dado básico.

A idéia deste amigo desconhecido foi toda inventada até o momento em que o pai se sente meio perdido, talvez louco, e encontra no olhar do médico quase um atestado de sua loucura. Tudo isso para denotar a união do pai e do filho, quando a dualidade dos dois se tocam, ficando um só.

L. – *Foucault nos lembra que "a loucura não é uma essência, é uma convenção social". Este fato está inserido na personagem Lamartine – a família e a sociedade é que o denominam louco – o pai é quem deixa que o levem ao sanatório. Porém, na minha opinião, Espártaco é mais louco que Lamartine por sua obsessão pelos calmantes, por sua mesmice ordenada (loucura hipocondríaca). No meu entender, a família, que se reflete na pessoa do pai interna Lamartine para fugir da sua própria loucura, com medo de se contagiar pela loucura do filho. O que você pensa a respeito?*

C.S. – Eu acho o pai apaixonadamente louco e não odiosamente louco. Eu estava realmente louquíssimo para a sociedade, mas estava muito bem, muito feliz, sentindo uma leveza de tudo.

E, para provar ao pai que o filho já estava bom ele entrega – no sanatório – uns manuscritos de uma peça de teatro, tudo inventado. Porque nós achávamos que o padrão da sanidade e da loucura era a literatura. Se você está fazendo uma literatura boa é porque você está bem (o parâmetro é a literatura).

L. – *Essa personagem - Espártaco M. – lembra-me muito as personagens de Machado de Assis, principalmente o conselheiro Aires, pela sua meticulosidade e mesmice, assim como Lamartine lembra-me o Policarpo Quaresma, de Lima Barreto. Você leu Machado de Assis? E seu pai? Foram influenciados por ele? E por quem mais? Lima?*

C.S. – Machado de Assis, sim, lemos muito. Eu sou o que se pode dizer um rebento tardio do Machado de Assis e meu pai um menos tardio.

Lemos muito também Lima Barreto, Graciliano Ramos – é exatamente essa linha documental, real, que meu pai mexe muito bem. E, como não podia deixar de faltar, Monteiro Lobato, li extremamente. Para mim até hoje *Caçadas de Pedrinho* é um dos dois ou três maiores livros brasileiros. É um beleza. É um texto perfeito. É uma obra-prima mesmo. Só não é dito por causa dessa coisa de literatura infantil! É um grande livro mesmo. Me influenciou muito aquela linguagem, aquela graça. Eu sempre pretendi que **Armadilha para Lamartine** fosse também engraçado e não triste e tétrico como tem aparecido em muitas críticas. Ele só nasceu de eu achar engraçado meu pai fazer diário.

L. – *E, quanto aos escritores estrangeiros?*

C.S. – Aí é que as diferenças são grandes. Meu pai lia muito Anatole France, Zola, Balzac, eu não (acho que o que perdi mais foi com Balzac), eu gostava muito de Flaubert, Educação sentimental é belíssimo. Flaubert sempre foi preocupado em trabalhar com a escrita no sentido de procurar a expressão mais forte. É o que eu te falei, "varandola" é mais forte que "varandinha".

Lia muito também um escritor americano que depois deixou de escrever, Salinger – seu livro **O apanhador no campo de centeio** é uma maravilha. E como não podia deixar de faltar, Dostoiévski, gosto muito dele.

I. – *No diário do pai estão contidas várias poesias. Gostaria de saber se elas são suas, de seu pai ou de outro escritor?*

C.S. – Você quer dizer as baladas? Sim, são minhas realmente, feitas na época da loucura mesmo, não são nem boas, mas como são documentários, eu fiz questão de colocar para criar o clima todo.

I. – *Também há registros de pronunciamentos do Partido Socialista Brasileiro da década de 50. Eles foram retirados de jornais ou foram inventados por Espártaco? E as notícias de jornais como as "do suplício em conseguir um lugar no bonde" ou "a cidade do Vaticano" e outras, são registros verídicos? De que época?*

C.S. – Todos os registros e notícias são verdadeiros, publicados em jornais ou presenciados por meu pai. A época pode variar um pouco, como já te falei, pode ter-se dado antes ou depois da época relatada.

I. – *Nos dois livros que você escreveu: Os ombros altos e Armadilha para Lamartine repetem-se fatos e idéias, assim como personagens. Qual o seu objetivo neste aspecto, seria produzir um livro dentro de outro, ou seria relatar fatos biográficos?*

C.S. – Sempre tive esse objetivo de produzir um livro dentro de outro, tanto para Lamartine provar ao pai que estava curado, pois já estava escrevendo bem; como, também, porque sempre tomei como ponto de partida que **Os ombros altos** estava incompleto e podia ser melhorado fazendo ligação com outros pontos.

As personagens que se encontram nos dois livros e os textos semelhantes, realmente, foi proposital, uma forma de enriquecimento, sei lá. Porém aquele trecho do vôo frenético na sala – que se encontra totalmente igual, achei que se já estava feito e se

xava perfeitamente no diário de Lamartine, para que usar outra coisa?

L – *Também ocorrem nos dois livros, com frequência, sonhos – onde você aborda quase sempre a loucura e a morte. São reais? E o que eles realmente transmitem a você?*

C.S. – Esses sonhos são reais. Todos. Essa mesma sedução da coisa escrita é a sedução da coisa sonhada. É uma coisa que vem da mesma fonte que criação literária, que literatura. Sonho é mania da família, uns sem graça, outros com um pouco mais de graça.

L – *E, nisso tudo, qual é o papel da memória?*

C.S. – Não sei te dizer, não. É tão vasto! Eu acho que a memória é a base desse negócio todo. O fato de duas vezes voltar para o mesmo assunto: a memória dele... Ele, por exemplo, valorizava o texto na medida em que não se fiava muito em memória. Ele deixa uma memória que é feita ali no quente do dia, e não aquela: "me lembro que estava..." que não é uma coisa muito digna de fé. Seu diário não é escrito de memórias, mas ficou sendo uma memória.

— **L** – *Numa das últimas entrevistas que Jorge Luis Borges deu antes da sua morte, ele afirma que existem dois tipos de escritores – quero que você se posicione e posicione seu pai – homens que se vestem de uma fantasia de escritor e quando vão escrever, repentinamente tornam-se tristes ou irônicos; e homens escritores que vivem e trabalham a palavra, que vivem na realidade em seu mundo poético e/ou misterioso. A qual dos dois tipos de escritores você acha que seu pai se enquadra? E você?*

C.S. – Tenho a impressão de que tanto meu pai quanto eu ficamos sempre preocupados em fazer colar estas duas coisas: o que está escrevendo e o que sai escrito – (como nós nos sentimos). Por um lado, o escritor que ele era fazia sempre coincidir as concepções dele, a maneira de ver a vida com a sua escrita, mas, por outro lado, com uma certa ressalva, uma certa censura (talvez porque estivesse comprometendo toda a sua família).

No começo, ele escrevia em volumes pequenos e os guardava em sua gaveta, com o tempo os diários cresceram, passaram a ser escritos em livros grandes e ele os colocava bem em cima, em sua estante, onde só ele podia pegá-los (nós éramos pequenos). Com o passar dos anos os diários foram crescendo e, automaticamente, descendo. A censura passou a fazer parte deles. Ainda lem-

bro de uma frase de meu pai quando eu estava no sanatório: "agora tenho que guardar este diário a sete chaves", e deve ter guardado mesmo, porque só depois de muito tempo fui ler o que ele tinha escrito naquela época e te confesso que fiquei pasmado.

Quando eu estava trabalhando nesses diários deu um desânimo atroz quando chegou lá pelos anos 61-62 (já decorridos 24 aos de diário), de repente vi um capítulo inteiro da sua relação com o diário - o que o diário fala do diário - contendo a seguinte frase: "este diário não representa nada da minha vida, porque o mais importante eu calei". Com uma frase dessa caiu por terra tudo o que estava construído, o que a gente acreditava. Mas aquele momento acho que foi um acesso de mau-humor com ele mesmo. É quando ele assumia a crítica que a família fazia e usava carapuça para esconder a verdade.

L - Quando você está escrevendo ou quando esteve, no caso dos diários, para que tipo de leitor você pensou que estava escrevendo, se você o imaginou? Qual seria a platéia ideal?

C.S. - É muito estranho, realmente não se pensa. Não sei, eu pensava que provavelmente era um tipo de leitor que estaria um pouco saturado de uma leitura pseudo-elevada, de uma literatura metafórica e que, de repente, fosse ter uma espécie de sobressalto com fazer literatura em cima de coisas inteiramente banais. E como é que o banal acumulado em quantidade, de repente, deixava absolutamente de ser banal e ficava uma coisa até intrigante e meio estranha.

Esperava um leitor que iria se divertir como eu me diverti. Imaginei uma pessoa dizendo: "Puxa, mas pode-se fazer um tipo de literatura assim?" Para mim a sensação do diário era tão diferente, contar a história daquela maneira era tão estranha!

L - E, afinal, de quem é essa escritura?

C.S. - Ah, de meu pai, não tenho a menor dúvida. A personalidade é dele. O meu papel foi de uma espécie de encenador, colocar uma luz aqui, outra ali. E acho que os dois se entenderam muito bem, por isso a co-autoria.

Eu tive essa facilidade, por ser meio marginalizado (ainda mais com esse negócio de sanatório!), por esta disponibilidade em que eu fiquei me deu mais condições de olhar os escritos com outra visão. Ele via nisso, realmente, não tenho dúvida, um exercício literário mental. Sua profissão era muito embrutecedora e ele co-

começou a procurar o diário para ter uma vibração de vida, mas nunca parou para olhar o que estava fazendo (não havia tempo). E eu, ali, completamente desocupado, pude perceber que, sem dúvida, era a melhor coisa que ele tinha escrito até então - melhor do que aquilo que escrevia sobre justiça, que teve bastante repercussão.

E foi a sorte dele, eu tenho a impressão, ter um camarada assim perto que amasse mesmo a ele e aos textos dele. Mas, sem dúvida, a escrita é dele basicamente.

L - *Você já pensou em uma continuação dos diários?*

C.S. - Sim, a minha idéia seria retomar uma outra seqüência, mas jamais dar flagrantezinhos do tipo: "Antologia do diário".

O projeto que eu tenho em mente está ligado a tratamento dentário ("Perdeu um dente? morte de parente"). O dente está muito ligado à integridade da gente, então qualquer visita ao dentista e sofrimento no dente eu tenho a impressão que é suplementado como uma violação à própria integridade. E no diário de meu pai isto dá certíssimo. A vida dele quando passa por momentos difíceis pode estar certa que tem também negócio de dentista no meio. Tenho vontade de resgatar essas sessões e dar a elas um fio narrativo. Só que dessa vez creio que iria ser com etapas mais separadas, começando em 35 - desde a prisão do irmão (preso político junto com Graciliano Ramos). Houve uma troca de correspondência entre ele e meu pai e a preocupação maior - e eu acho isso engraçadíssimo - era um dente que estava incomodando muito meu pai.

L - *Seria novamente a co-autoria do pai e do filho?*

C.S. - Ah, sim, acho que tem de continuar. Eu realmente não agüento não mexer naqueles textos. Há coisas que estão pedindo... E eu pretendo reconstruir esse ritmo.

L - *E os planos de que você me falou sobre uma montagem cinematográfica do livro?*

C.S. - Muitos planos já foram feitos para uma montagem cinematográfica, mas há ainda muitas restrições. Certo produtor queria abordar o livro como peça tétrica, triste; eu, realmente, não quero, acho que deve ser mostrada como uma coisa alegre, divertida. Outro queria atualizá-lo, mas acho que não daria certo, está muito comprometido com a história. Por enquanto só planos, embora eu

acredite que o que o meu pai escreveu seja cinema mesmo, aquela monotonia toda: acende, apaga... existe uma cena que eu acho linda: um dia quando meu pai está meio triste, remoendo umas coisas – ele faz uma observação sobre uma luz que vai amortecendo no prédio em frente, enquanto que ao lado a mãe e a filha estão conversando sobre o filho que vai nascer; ele registra bem os ângulos – ele, a luz e as duas mulheres.

Exatamente para marcar essa luz que se apaga, completamente fora do estilo dele – no cinema seria um escurecimento que vai vindo – e que ele testemunha. É o que mais gosto dele. É literatura mesmo!